

# Considerações Sobre o Filme “Capitão América - O Primeiro Vingador” (2011) e suas Possibilidades para o Ensino de História

## Considerations on the Movie “Captain America – The First Avenger” (2011) and its Possibilities for History Teaching

Giovana Maria Carvalho Martins<sup>a\*</sup>; Rebecca Carolline Moraes da Silva<sup>a</sup>; Raquel de Medeiros Deliberador<sup>a</sup>

<sup>a</sup>Universidade Estadual de Londrina, Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Educação. PR, Brasil.

\*E-mail: giovana.mcmartins@hotmail.com

---

### Resumo

O presente artigo problematiza a história do personagem Capitão América, originário dos quadrinhos, que ganhou uma adaptação fílmica no ano de 2011, intitulada “Capitão América – O Primeiro Vingador”. Considera-se o contexto histórico de sua criação e os contextos dos diferentes momentos em que reapareceu, analisando questões históricas representadas no filme. Objetiva-se discorrer sobre as relações entre História e cinema e seu uso no ensino de História. A partir dessas considerações e do entendimento do cinema como portador de um discurso, que pode proporcionar uma aprendizagem histórica, abordam-se possíveis maneiras de como os espectadores podem ser influenciados pelos valores e conhecimentos históricos, que o filme tenta transmitir e a importância do uso do cinema no ensino de História como mediador cultural. A metodologia do trabalho se baseia em revisão bibliográfica e análise historiográfica pautadas nas considerações de Ferro (2010) e Rosenstone (2010), que versam sobre a relação entre cinema e história. São utilizados os trabalhos de Souza (2002), Duarte (2009) e Napolitano (2009) sobre o uso do cinema nas salas de aula, pensando no ensino de História, e de Siman (2004) sobre os mediadores culturais. O resultado deste artigo é sua contribuição para a análise da relação do Cinema com a História, dos recursos fílmicos como fontes para o ensino de História, bem como a abordagem da personagem em seu contexto histórico. Conclui-se que o cinema é um difusor de conhecimentos e representações históricas, que devem ser pensadas e trabalhadas, pelos professores, como fontes históricas em sala de aula.

**Palavras-chave:** Ficção Histórica. Cultura Histórica. Cinema e História.

### Abstract

*This article problematizes the story of the character Captain America, originally from comic books that was adapted into a movie in 2011, entitled “Captain America – The First Avenger”. It was considered the historical context in which this character was created and the contexts of different moments when he reappeared, analyzing historical questions shown in the movie. The objective is to talk about the relationships between History and cinema and its use in History teaching. From these considerations and the understanding of cinema as a bearer of a speech able to provide historical learning, some feasible manners were approached in which spectators can be influenced by values and historical backgrounds that the movie tries to express and the importance of using movies in History teaching as cultural mediator. The methodology of this work is based on bibliographical review and historiographical analysis guided by considerations of Ferro (2010) and Rosenstone (2010), both discussing the relationship between cinema and history. We also mention works of Souza (2002), Duarte (2009) and Napolitano (2009) about the use of movies inside the classroom, thinking about History teaching and Siman (2004) about cultural mediators. The result of this article is its contribution for the analysis of the associations between Cinema and History, of the film features as sources for History teaching, as well as the character’s approach in its historical context. It is concluded that cinema is a broadcaster of knowledge and historical representations that must be thought and worked by the teachers as sources inside the classroom.*

**Keywords:** Historical Fiction. Historical Culture. Cinema and History.

---

### 1 Introdução

O personagem denominado “Capitão América” foi criado por Joe Simon e Jack Kirby, dois artistas de histórias em quadrinhos, em 1940, porém a publicação do primeiro volume da revista ocorreu alguns meses depois, em 1941. O trabalho de ambos, juntamente com o de Stan Lee anos depois, deu origem ao que hoje é a Marvel Comics, uma das maiores empresas publicadoras de histórias em quadrinhos e conteúdos relacionados nos Estados Unidos. A Marvel tem como foco a publicação de histórias de super-heróis, e tem em seu rol alguns dos nomes mais conhecidos, como: o Homem-Aranha, os X-Men e o Capitão América.

Muitos dos personagens das empresas de histórias em

quadrinhos ganharam adaptações para cinema, televisão, livros, entre outros. O objetivo deste trabalho é analisar a adaptação de 2011 do Capitão América, que ganhou um filme produzido pelos estúdios Marvel e distribuído pela Paramount, intitulado: “Capitão América – O Primeiro Vingador”. Não se trata do primeiro filme produzido sobre este personagem, sendo entretanto a mais recente tentativa de contar a história, que vem sendo desenvolvida nos quadrinhos desde a década de 1940, cuja versão fílmica mencionada recebeu uma continuação em 2014 intitulada “Capitão América – O Soldado Invernal”. O foco desta discussão é o personagem em si, buscando abordar o contexto histórico, em que foi criado e os altos e baixos de sua popularidade, ao longo dos anos, bem

como pensar as questões históricas contidas em seu filme de 2011, e buscar refletir sobre como os espectadores do filme, especialmente os alunos, podem perceber tais referências relacionadas na linguagem cinematográfica. Além disto, abordam-se aqui as questões sobre cinema e História e o uso do cinema no ensino de História.

## 2 Desenvolvimento

### 2.1 Metodologia

A metodologia utilizada neste artigo está estruturada no formato de análise historiográfica do discurso histórico representado no filme “Capitão América – O Primeiro Vingador”. A análise do filme escolhido ocorreu por meio de comparações sobre o que o filme diz e como diz, para assim relacionar com as possíveis influências de seu discurso, em seus espectadores, levando em consideração a cultura histórica e o caráter pedagógico que esta implica – a saber, da aprendizagem histórica, de orientação temporal na vida prática.

O filme deve ser considerado como um produto que possui significações além das cinematográficas. Levando em conta mais do que o tema abordado (aquilo que testemunha), tem-se que se considerar a abordagem histórica que seu discurso autoriza (como aborda, o ponto de vista). Para isso, é necessário analisar no filme tanto a narrativa quanto o cenário, a escritura, as relações do filme com aquilo que não é filme: o autor, a produção, o público, a crítica, o regime de governo. Isto é essencial para chegar a um entendimento que vai além da obra em si, mas também da realidade que esta representa.

O desenvolvimento deste artigo se estrutura em cinco tópicos, começando por este tópico sobre a metodologia. O segundo tópico se intitula “Personagem: sua criação e os contextos de sua produção”, e neste se discorre sobre a história do Capitão América, o nascimento do personagem e a maneira como os ideais e ideologias americanos estão presentes em seu contexto, com referências à bandeira e à questão da guerra. O terceiro tópico se denomina “Cinema e História”, abordando sobre como o Cinema se colocou como fonte para o estudo da História. No quarto tópico, “O Filme de 2011 e a cultura histórica”, define-se o que é cultura histórica e de que maneira esta se relaciona com a temática apresentada, bem como se apresenta uma breve análise do momento de produção e do discurso da representação histórica do filme. O quinto tópico, “O cinema e o ensino de História”, traz discussões acerca do uso de filmes, enquanto fonte para o ensino de História, e como esta metodologia pode beneficiar o aprendizado em sala de aula com jovens.

### 2.2 Personagem: sua criação e os contextos de sua produção

As circunstâncias que cercam a criação do personagem, na década de 1940, são bastante sugestivas, pois o período concerne ao auge da Segunda Guerra Mundial. Cabe aqui contextualizar o surgimento dos primeiros super-heróis e sua

função histórica para ajudar a compreender o próprio Capitão América. Para Melo (2008), o surgimento de super-heróis corresponde a determinados contextos históricos e sociais, marcados pela crise de 1929, os turbulentos anos de 1930, a emergência da Segunda Guerra Mundial e o papel dos Estados Unidos, sendo que o mundo desses super-heróis passa a ter função propagandística de determinados valores hegemônicos da sociedade.

Assim, o fenômeno dos super-heróis das revistas de histórias em quadrinhos se iniciou com o Super-Homem, em 1938, ligado intimamente ao contexto do pós- crise de 1929 nos Estados Unidos, em que havia a necessidade de alguém que “salvasse” o país de toda a turbulência. Porém, Melo (2008) afirma que quando a ameaça nazista da Alemanha de Hitler se tornou efetiva e aparentava ser invencível, tanto a América quanto a Europa precisavam combatê-la e, para tanto, se utilizariam de heróis que não possuíam superpoderes, já que uma superforça ou supervelocidade, por exemplo, não seriam suficientes para defender os ideais americanos contra o nazismo, de modo que o imaginário coletivo precisava de um estímulo para a batalha (MELO, 2008). Em Dittme (2007) se pode encontrar uma fala de Joe Simon na qual ele afirma que os Estados Unidos ainda não haviam entrado na guerra, quando eles criaram o Capitão América, para ele essa, talvez, fosse a maneira deles de atacarem a ameaça nazista.

Bide-Luyten, citada por Melo (2008), afirma que quando os EUA entraram na guerra, os Super-Heróis já estavam lutando há tempos, contra os malfeitores, repercutindo uma ideologia patriótica, sendo o Capitão América o herói que melhor representou tal ideal, devido à identidade visual (representava a própria bandeira americana) e o seu maior inimigo era tudo o que significasse ameaça para a “democracia americana”. Em complemento a isto, Chagas (2008, p.p.139-140) aponta que:

o mundo dos super-heróis passa a ter uma função propagandística de determinados valores hegemônicos na sociedade, principalmente durante a época da Segunda Guerra Mundial e nos anos cinquenta, com o início da Guerra Fria. Nessa conjuntura, explicita-se o caráter político das Histórias em Quadrinhos.

Assim, analisando o personagem em si, são explícitas as referências aos ideais e ideologias americanos e aos Estados Unidos, como o forte militarismo, o intervencionismo, as políticas armamentistas, a liberdade, entre outros. Como já mencionado, o Capitão veste as cores da bandeira dos EUA e sua principal arma é um escudo que, conforme defende Chagas (2008), remete à ideia de defesa e à noção de que este super-herói ‘ataca’ apenas para ‘se defender’ (CHAGAS, 2008). Além disto, ele tem em seu nome a própria América e tem o título de Capitão, uma alta patente do exército (portanto, um militar em posição de comando), e é ainda um herói intervencionista, que luta contra governos estrangeiros, que representariam o ‘mal’.

Imagem 1 - Capitão América – 1941



Fonte: Site Oficial da Marvel (<http://goo.gl/eXr26t>).

Porém, o Capitão América não nasceu com seus poderes. Seu alter-ego é Steve Rogers, um garoto americano franzino que tinha o sonho de entrar para o exército americano e defender a pátria da maneira que fosse possível. Porém, ele é recusado nos processos comuns de admissão por seus problemas de saúde e constituição física. Ele acaba sendo “experimento” de um projeto secreto do Governo para a criação de “supersoldados” e tem suas características físicas elevadas a proporções super-heróicas. Este projeto, que consistiu na aplicação de um soro especial em Rogers juntamente com radiação, o transformou em um indivíduo super forte, veloz e ágil, preservando suas características psicológicas – vontade de defender o país e lutar por ele, coragem, honestidade. Assim, fica claro o objetivo de mostrar a criação do soldado, não é preciso nascer um herói para se tornar um, da mesma forma que os Estados Unidos estavam se constituindo, enquanto um país forte, mesmo no contexto da guerra. É interessante ainda relatar que a primeira capa da revista do Capitão América mostra o herói aplicando um soco em Hitler (Imagem 1). Há inclusive uma passagem na primeira história que mostra o cientista responsável pela criação do Capitão dizendo: “nós devemos chamá-lo de Capitão América, filho! Porque, como você, a América deverá ganhar a força e a coragem para guardar nossas fronteiras!” (CHAGAS, 2008, p.140). Assim, fica evidente, desde o primeiro momento, contra quem e a favor de quem ele luta.

O sucesso do Capitão América foi enorme, de maneira

que o primeiro número vendeu mais de um milhão de cópias (DITTMER, 2007). Ele continuou popular através dos tempos da guerra, mas o interesse sobre ele amainou, levando a condição de cancelamento, em meados dos anos 1950 das histórias do Capitão América e este personagem foi deixado de lado. Entretanto, sob a liderança de Stan Lee, o Capitão América foi “ressuscitado” em 1964 sob o pretexto de que havia sido acidentalmente congelado em um iceberg com o fim da Segunda Guerra (PEDROSO, 2012). O contexto da ressurreição em questão era o da Guerra do Vietnã, de modo que o Capitão agiu novamente em favor dos ideais americanos, inclusive com histórias publicadas, em que ele próprio teria ido lutar na guerra, batalhando inclusive contra soldados comunistas em algumas histórias. O Capitão apresentado neste período mantém seus ideais muito firmes, porém entra em uma espécie de crise existencial, expressa em uma história da década de 1970, em que ele vaga pelas ruas de Nova York refletindo sobre sua vida dedicada a lutar por justiça e liberdade, se questionando qual sua importância naquele contexto, em que seus valores e ideais parecem tão obsoletos, afirmando: “Agora há aqueles que desprezam o amor pela bandeira... Aqueles que Patriotismo é apenas uma palavra fora de moda!” (PEDROSO, 2012, p. 10-11).

Após os atentados do dia 11 de setembro de 2001 às Torres Gêmeas em Nova York, vários cartazes de incentivo com super-heróis foram divulgados e, entre eles, estava o Capitão América, utilizado para prestar homenagem às vítimas da tragédia, tendo novamente sua presença em um momento marcante da história americana. Assim, mesmo com altos e baixos em sua popularidade, seus criadores se utilizaram dele em momentos no qual o seu patriotismo e seus ideais foram necessários ao contexto que o país estava vivendo para incentivar o orgulho e para reafirmar a identidade americana.

### 2.3 Cinema e história

Vive-se em uma cultura dinâmica e muito visual. O cinema, que se iniciava no século XIX como um fenômeno capaz de reproduzir imagens em movimento e captar cenas do cotidiano, como a chegada de um trem na plataforma – a primeira exibição do cinematógrafo realizada pelos irmãos Lumière em 1895 – aos poucos foi se tornando um meio de produzir histórias ficcionais, como a produção Viagem à Lua (*Le Voyage dans la Lune*) de 1902, do ilusionista e cinegrafista Georges Méliès. A possibilidade de criar cenários e enredos permitiu aos cineastas um deslocamento temporal, podendo representar um ambiente do futuro ou do passado. Assim, grandes épocas e eventos históricos puderam ser representados, o que permite um excelente material para o ensino, desde que bem trabalhado.

O filme, de acordo com Ferro (2010), tem a “capacidade de desestruturar aquilo que diversas gerações de homens de Estado e pensadores conseguiram ordenar num belo equilíbrio” (FERRO, 2010, p.30). Pode, portanto, ser utilizado para realizar essa desestruturação de forma intencional. Cabe



ao historiador a função de restituir à sociedade a História, que tenha sido monopolizada por aparelhos institucionais, proporcionando novas leituras e levando a sociedade ao caminho da consciência da mistificação e “manipulação” da história através da busca de uma “realidade não visível” (FERRO, 2010). Neste sentido, o cinema é um documento de extremo valor, principalmente, para o estudo da história contemporânea, que permite observar as permanências e modificações das sociedades. Como defende Marc Ferro (2010), o cinema, bem como o imaginário, “é tanto história, quanto História” (FERRO, 2010, p. 19).

No início do século XX, a historiografia predominante era a positivista, que agia em função do sentimento nacionalista que emergiu no contexto de conflitos, que se circunscrevem à Primeira Guerra Mundial. Sabe-se que a História nunca é escrita inocentemente (da mesma forma que os filmes ou quadrinhos não são produzidos sem uma intencionalidade) e que também os historiadores possuem uma intenção e um objetivo para as fontes históricas a serem utilizadas e em como são escolhidas, também, a partir de uma intenção.

Os documentos, neste contexto do positivismo, eram divididos em categorias de “valor”, sendo os textos oficiais - os que permitissem a expressão do poder, e que muitas vezes eram de acesso restrito - os com maior notoriedade - seguidos dos textos jurídicos, de jornais ou publicações de membros da sociedade culta. E, por último, viriam os documentos de biografia, fontes de História local, relatos de viajantes, etc. Assim, a História era escrita a partir de documentos e perspectivas dominantes, dos homens do Estado, os magistrados, os diplomatas, os “heróis”, etc.

O cinema só se tornou uma fonte histórica de importância após a História se constituir e aperfeiçoar seus métodos, se firmando como ciência. No entanto, para Ferro (2010), as fontes cinematográficas não eram estudadas antes devido a uma recusa dos historiadores à linguagem complexa e, de certa forma, ininteligível e de interpretação incerta que o cinema apresentava. Fora o fato de que, em seu início, no final do século XIX e começo do século XX, o cinematógrafo foi muito desvalorizado pela elite culta.

Em meados do século, tanto a História quanto o cinema se modificaram. As pessoas cultas passam a ir aos cinemas como espectadores inconscientes. Contudo, conforme Walter Benjamin (2012), a função social desta arte se modificou, passando a ter a política como seu fundamento. Se antes apresentavam um valor de culto, as imagens, como a fotografia ou o cinema passaram a ser testemunhos do processo histórico, o que conferiu o significado político e, portanto, a necessidade de uma contemplação das imagens de uma forma que não fosse descomprometida. O cinema, por ser composto de planos e seqüências de imagens, cadencia a recepção de seu discurso, o que o torna um elemento muito forte de propagação de diversas mensagens. Como afirma Ferro (2010, p.30):

Não é suficiente constatar que o cinema fascina e inquieta: os poderes públicos e o privado pressentem também que ele pode

ter um efeito corrosivo e que, mesmo controlado, um filme testemunha. Noticiário ou ficção, a realidade cuja imagem é oferecida pelo cinema parece terrivelmente verdadeira.

Para que o filme tenha o seu potencial melhor aproveitado, é importante que se considerem as imagens para além da ilustração ou de uma confirmação. Devem ser consideradas as imagens como elas são e buscar compreendê-las dentro dos saberes referentes às imagens. Mesmo que uma imagem seja parte de um texto, a ilustração de um texto, por exemplo, ela não deve “ser lida” como um documento escrito (SCHMITT, 2002, p. 595). Portanto, o uso de filmes enquanto fontes históricas tem uma metodologia própria que deve ser levada em consideração.

Segundo Napolitano (2011), existem três possibilidades básicas de relacionar História e Cinema: a primeira é “O cinema na História”, a segunda “A História no Cinema” e a terceira “A História do Cinema”. A primeira possibilidade diz respeito ao estudo do cinema como fonte primária na análise historiográfica; a segunda leva em conta o cinema como produtor de um “discurso histórico” e como “intérprete do passado”. A terceira possibilidade, por fim, procura estudar os avanços técnicos do cinema. Neste sentido, Souza (2012) destaca dois pontos importantes: os filmes como documentos históricos e os filmes como discursos sobre a história. Nesse sentido, se recorre ao primeiro ponto para aprofundar a reflexão sobre o período em que foram produzidos. Já com o segundo, são construídas as críticas historiográficas a partir das análises de suas abordagens históricas, afirmando ainda que:

a história está presente no cinema de diversas maneiras e pode ser abordada por vários ângulos. Em princípio, de forma genérica, um filme, produzido em qualquer época ou espaço, é passível de ser utilizado como fonte de reflexão histórica e pode ser feita, nos termos de Marc Ferro, a análise do cinema na história (SOUZA, 2012, p.73).

Isto porque, para Ferro (2010), as imagens cinematográficas devem estar associadas ao mundo que a produz, já que o filme sempre - independente de se propor a ser documento ou ficção - é História, pois o que não aconteceu, ou seja, as invenções e o imaginário do homem possuem o mesmo valor histórico que a História. Já Robert Rosenstone se aproxima mais da ideia de abordar o discurso histórico, que um filme produz, ao considerar que os filmes, por estarem muito presentes no cotidiano contemporâneo, afetam as produções de conhecimento sobre o passado dos filmes históricos, mesmo quando se sabe que são representações fantasiosas ou ideológicas, acabam por afetar a maneira como se vê o passado (COSTA, DIAS, 2010).

Sobre a recepção das obras cinematográficas, Felipe (2009) afirma que, a partir da década de 1980, os estudos relacionados à recepção dos filmes começaram a questionar os ideais anteriores de que os espectadores receberiam passivamente os conteúdos transmitidos pela mídia. O autor aponta que:

[...] por trás do chamado receptor, existe um sujeito social

dotado de valores, crenças, saberes e informações próprias de sua cultura. Este sujeito interage de forma ativa na produção de significados dos conteúdos nas narrativas filmicas, de forma que as mensagens que são veiculadas pela mídia também são construídas pelo olhar de quem assiste. [e complementar] considerar que as narrativas filmicas são constituídas de discursos leva-nos à necessidade de decodificar e interpretar essas fontes. O sujeito social deve sempre perceber que a fonte filmica não tem a pretensão de abordar a totalidade da vida social, sendo sempre uma obra que contará um ponto de vista e um posicionamento sobre os fatos, abrindo um espaço para que o sujeito se posicione diante daquela narrativa (FELIPE, 2009, p.7-9).

E tal fator deve ser considerado, sobretudo quando se lida com filmes relacionados a super-heróis. No caso do Capitão América, um herói extremamente nacionalista, é evidente que as impressões ali apresentadas estão ligadas intrinsecamente aos ideais de seus criadores e, sobretudo, aos ideais estadunidenses de guerra, de identidade, de patriotismo. Portanto, deve-se ter em mente que não se trata de uma representação fiel do real, e sim de uma versão fantasiada, que carrega uma intencionalidade.

#### 2.4 O Filme de 2011 e a cultura histórica

O historiador Jörn Rüsen (2015) aponta que a cultura histórica tem relação com a constituição de sentidos pelos seres humanos, a partir da consciência histórica. Esta, por sua vez, é referente à necessidade humana de orientação temporal, articulando passado, presente e futuro. Assim, este autor aponta que a cultura histórica abrange os processos históricos, situando os sujeitos nas mudanças temporais, a partir da experiência do passado é possível compreender as circunstâncias da vida atual e projetar o futuro.

Neste sentido, Rüsen (2015) afirma que a cultura histórica abrange cinco dimensões: cognitiva, estética, política, moral e religiosa. A cinematografia, linguagem cultural aqui abordada, pode ser enquadrada no que é definido por dimensão estética da cultura histórica, ou seja, a dimensão referente às apresentações do passado pelos meios de comunicação. Conforme o autor, os sujeitos, por intermédio da forma apresentada, adotam as representações e as inserem no quadro de orientação da vida prática.

Em adição a esta concepção se pode entender a cultura histórica como articulação prática da consciência histórica em determinada sociedade. A rede desta articulação se estende do ensino de história, em nível escolar, aos rituais comemorativos oficiais, dos manuais didáticos aos museus e monumentos e muitos outros lugares da memória coletiva. A cultura histórica integra, portanto, funções de lembrar, como: o ensino, a diversão, a crítica, a ilustração e outras funções, que incluem tanto os elementos cognitivos como os imaginários, emocionais (ZAMBONI, 2005).

Em outras palavras (grosso modo), a cultura histórica trata dos enraizamentos do pensar historicamente, que estão fora da historiografia, ou seja, a convergência entre a história científica - a que é feita através da pesquisa histórica, tratando-

se de um saber adquirido profissionalmente - e a história sem historiadores, que é feita, apropriada e difundida por intelectuais, cineastas, documentaristas, ativistas, artistas e etc., que tornam disponível um saber histórico, que se difunde por meio de diversos suportes, como: impressos, audiovisuais e oral (ALVES, 2009) e tem um objetivo intrínseco de localizar os sujeitos temporalmente para que, a partir desses conhecimentos, possam projetar suas ações futuras (RÜSEN, 2015). Desta maneira, o filme aqui abordado: “Capitão América – O Primeiro Vingador”, também se insere neste quesito de tornar disponível o saber histórico, obviamente não tendo compromisso com a historiografia por se tratar de um filme de super-heróis (portanto, fictício), mas isto não exclui seu valor histórico e a possibilidade de trabalho com ele em sala de aula.

O filme foi lançado em um contexto de grande produção de versões filmicas de histórias de super-heróis, que segue até os dias de hoje. Cabe ressaltar que, atualmente, ainda há publicação das histórias em quadrinhos do Capitão América, mas como a maioria dos super-heróis, suas histórias tomaram rumos bastante diversos. Hoje em dia, é perceptível que os filmes que são apresentados têm mais visibilidade e projeção do que os próprios quadrinhos, sendo que, na maior parte das vezes, são adaptações de histórias antigas destas personagens, bem como do início de suas sagas, como é o caso de “Capitão América - O Primeiro Vingador”. Além disso, percebe-se que há muitos espectadores, que não tiveram contato com os quadrinhos. Entretanto, para este trabalho, aborda-se somente o filme, não sendo intenção abordar os quadrinhos.

O filme “Capitão América - O Primeiro Vingador” foi escrito por Christopher Markus e Stephen McFeely, e dirigido por Joe Johnston. A película começa nos dias atuais com a descoberta do escudo do Capitão América, encontrado junto a destroços no gelo. Após esta primeira apresentação, o roteiro leva para o ano de 1942, em que se vê o vilão Caveira Vermelha (interpretado pelo ator Hugo Weaving), um soldado nazista que controlava uma divisão especial de pesquisa científica do regime nazista chamada Hydra, em busca de uma poderosa relíquia, que faz referência à religiosidade nórdica.

Após esta introdução, o filme apresenta o personagem principal Steve Rogers (interpretado por Chris Evans), que segue as características do personagem dos quadrinhos: um jovem franzino e com problemas de saúde que é, várias vezes, rejeitado no alistamento militar. Assim, o patriotismo e vontade de lutar para defender seu país chamaram atenção de Abraham Erskine (vivido pelo ator Stanley Tucci), um cientista alemão, que se recusou colaborar com Hitler e buscava utilizar a ciência em favor de criar um “supersoldado”, com a finalidade de conquistar a paz e conseguir enfrentar a Hydra e Caveira Vermelha, este que aplicou em si mesmo uma versão não finalizada do soro utilizado para transformar Rogers no Capitão América.

Este soro não só aumentava as habilidades físicas e força

como potencializava as características de quem os utilizasse, o que fez com que Rogers virasse um super-herói extremamente idealista, já que mesmo em seu corpo fraco, ele já se apresentava corajoso e pronto para um auto sacrifício, quando achasse necessário. Por um ataque de espíões da Hydra, o projeto que deu origem ao Capitão América foi desligado, e a intenção inicial de criar um exército de supersoldados não foi finalizada. Então, em vez do *front*, Rogers encarnou um personagem que virou um ícone nacional e passou a contribuir com o seu país como elemento de propaganda política, o que justifica seu uniforme com as cores da bandeira dos Estados Unidos.

Há um aspecto que merece ser destacado, sendo este mencionado por Melo (2008), em como o personagem se disfarça em um simples e incompetente recruta do exército americano, que se beneficiou em uma ‘identificação’ por parte dos soldados, que combatiam os nazistas na vida real. O que levou o próprio Exército a comprar e encomendar edições da revista para que fosse distribuída entre suas tropas e servisse de “incentivo” durante os combates.

Isto é mostrado no filme: há cenas de soldados na guerra e de civis (sobretudo crianças) lendo o primeiro número da revista e da grande propaganda feita sobre ele, com “comerciais” estrelando o Capitão, que luta ficticiamente ao lado de soldados e é mostrado andando ao lado deles na guerra. Neste primeiro momento do filme, ele ainda não vai à guerra de fato: ele é apenas um instrumento de propaganda do governo para incentivar os americanos e ajudar na venda de bônus de guerra, que são títulos emitidos pelo governo para ajudar a financiar as despesas da guerra. No entanto, em determinado momento, Rogers agiu por conta própria para resgatar soldados, que se encontravam prisioneiros em uma das fábricas de armamento e desenvolvimento científico da Hydra. Com isto, descobriu o plano de destruição do Caveira Vermelha e passou a liderar um seletivo grupo de soldados, entre os quais se pode notar a presença de estrangeiros, que representam os aliados, para operações especiais contra a Hydra.

O desfecho do filme é o confronto entre o Capitão América e o vilão que buscava realizar um bombardeio aéreo em várias metrópoles dos EUA, o que, porém, acabou de forma meio abrupta, já que o vilão foi derrotado pelo poder de sua própria arma simplesmente ao tocá-la, ou seja, sua própria ganância e planos destrutivos pelo desejo de poder o destruíram, características opostas ao bondoso e corajoso Rogers, evidenciando que este era uma “arma” criada para a defesa e para a paz, não como uma força de dominação como os nazistas intentaram. Quase no fim do filme, o Capitão América, que está dentro de um avião com problemas, escolhe derrubar o avião para evitar que este atinja a cidade, optando mais uma vez por defender seu país, agora em troca de sua vida. O filme encerra, porém, com ele retomando a consciência setenta anos depois, quando os Estados Unidos precisarão, novamente, desse herói nacional que é o Capitão América.

Outros aspectos que são mostrados e que se relacionam à História Contemporânea são campos de treinamento de

soldados americanos da II Guerra Mundial, bem como os aspectos da vida urbana na década de 1940 (sobretudo no Brooklin, em Nova York). É bem perceptível também a questão da busca por tecnologia relacionada às armas de guerra, sendo mostrado não só os EUA trabalhando nisto como a Alemanha, buscando afanar a tecnologia desenvolvida. É mostrada também uma visita do Capitão a um *front* italiano na companhia de soldados americanos bastante desanimados por uma derrota recente, e que se deve atentar também à configuração do grupo de soldados da missão de resgate realizada pelo Capitão no filme: são aliados de várias nacionalidades, mas liderados pela América, conforme já mencionado. Por fim, o aspecto mais marcante é o da propaganda americana e da reafirmação constante de sua identidade ligada sempre ao patriotismo e ao orgulho à bandeira.

Todos esses são aspectos que podem ser trabalhados, em sala de aula e em aulas relacionadas ao tema, desde que as questões pertinentes sejam bem trabalhadas pelo professor. O filme pode ser usado para trabalhar aspectos e discussões mais aprofundadas, que sejam relacionadas à participação dos EUA na II Guerra, à presença dos Aliados, à busca e investimento em tecnologia armamentícia e, sobretudo, às questões ligadas ao patriotismo e identidade americanos, presentes tanto no filme quanto na própria trajetória da personagem Capitão América ao longo dos anos.

## 2.5 O cinema no ensino de história

Os filmes são produtos audiovisuais muito presentes na vida cotidiana atual e suas formas de acesso são cada vez mais simples. Os jovens em idade escolar se incluem nisto, de maneira que é necessário pensar nas películas como ferramentas de ensino. De acordo com Bittencourt (2008, 372) “[...]os filmes penetraram no cotidiano dos alunos pela televisão e pelo vídeo, constatando-se verdadeira invasão de imagens, enorme aprendizado ‘pelos olhos’”. Atualmente, ainda há o agravante da internet, em que é possível assistir a filmes e séries de maneira simples e rápida, a baixo custo.

Porém, durante muito tempo, o cinema foi desprezado por historiadores e professores e, mesmo hoje, em que a prática de assistir a filmes se difundiu, se vê muitos educadores usando-os como simples ilustrações de determinado tema, sem explorar as possibilidades que o uso de filmes em sala de aula pode trazer.

Um ponto a se considerar é que existem muitas produções que propagam ideologias e estereótipos que, se absorvidas pelos alunos, podem se tornar “dificultadores da aprendizagem” ou “facilitadores da aprendizagem”, de acordo com Siman (2004). Nas palavras da autora:

[...] muito mais cedo do que supomos os alunos adquirem experiências, representações e modos de pensar não só por intermédio da escola, mas igualmente, e por vezes de forma predominante, nas vivências familiares, da vida na cidade, ou seja, por meio da memória social de sua coletividade ou de outros veículos difusores da memória social, tais como a mídia. Essas experiências, representações e modos de

raciocinar podem ser tanto facilitadores da aprendizagem - quando em continuidade com os novos conhecimentos históricos a serem apropriados - quanto dificultadores, quando em ruptura com relação a eles (SIMAN, 2004, p. 84).

Para realizar um trabalho proveitoso com filmes, em sala de aula, é necessário que o professor de História prepare os alunos para a leitura crítica dos filmes e se atente às preferências dos alunos e suas experiências como espectadores (BITTENCOURT, 2008). O professor deve também levar em consideração os conhecimentos que os alunos já trazem consigo e, a partir disto, desconstruir os sentidos comuns, propagados de diversas formas (animações, ilustrações, filmes, tirinhas, etc.) e, então, construir um conhecimento histórico voltado ao pensamento crítico.

O cinema, visto como mediador cultural, permite uma ideia de reconstrução no sentido de levar o aluno a imaginar o não vivido diretamente. Entretanto, não no sentido de reviver o passado, como acreditavam alguns dos primeiros teóricos sobre o uso do cinema no ensino. Duarte (2009) aponta que o cinema - a imagem em movimento - cria ilusão de realidade e, ainda, carregam marcas de como a humanidade representa (imagina) sua história, por isso o papel do professor é de ser um “orientador de um processo em que o filme se torna objeto de reflexão e estudos” (SOUZA, 2012, p. 81).

Sobre os mediadores culturais, Siman (2004, p.88) afirma que seu uso como parte do processo de ensino-aprendizagem é fundamental, como objetos da cultura material, visual ou simbólicos: “[...] que, ancorados nos procedimentos de produção do conhecimento histórico, possibilitarão a construção do conhecimento pelos alunos, tornando possível ‘imaginar’, reconstruir o não-vivido diretamente, por meio de variadas fontes documentais”.

Conforme lembram Abud, Silva e Alves (2010), os filmes são construções e são carregados de significados, e suas produções ocorrem a partir da seleção de sons e imagens que vão compor a obra final, ou seja, a própria seleção daquilo que vai ser mostrado ao público é cheia de intencionalidade, este é um aspecto dos filmes que o professor pode trabalhar em sala de aula, buscando formar alunos capazes de raciocinar de forma crítica, que questionem aquilo que estão assistindo, e não apenas tomem como verdadeiras as imagens mostradas na tela, de maneira que: “[...] não se trata de criar verdades absolutas, mas interpretações ou respostas, as quais são resultado do contexto histórico em que são formuladas” (ABUD; SILVA; ALVES, 2010, p. 165).

Ao assistirem aos filmes, os alunos formulam um pensamento e desenvolvem raciocínio relacionado à História, no qual se baseiam perante o que assistiram. Conforme Duarte (2009, p.60), o que acontece é uma “articulação entre informações e saberes construídos em nossa experiência de vida e as informações e saberes adquiridos na experiência com os artefatos audiovisuais”. Por exemplo, o filme “Capitão América – o Primeiro Vingador” está carregado de diálogos e representações com estereótipos sobre os nazistas,

informações que são inevitavelmente afetadas pela fantasia ficcional, e que ajudam a construir um imaginário no presente em torno dessa questão, mas que podem não corresponder aos estudos históricos sobre o tema.

O professor deve então ser um mediador que instiga o aluno a se utilizar de seus conhecimentos, memória e imaginação para chegar à inteligibilidade dos fenômenos e evidências, o que vai ajudar o aluno a chegar ao pensamento central da “lógica histórica” (SIMAN, 2004). Isto porque, de acordo com Siman (2004), o conhecimento escolar não ocorre diretamente entre o sujeito e o objeto a ser conhecido - há entre eles a ação mediadora do professor, da linguagem, das ferramentas culturais. O professor pode agir, portanto, no sentido de instigar e orientar o desenvolvimento do pensamento crítico e da reflexão de questões relacionadas ao filme escolhido. Desta maneira, o educador deve assumir uma postura que compreende um conjunto de aptidões voltadas aos métodos de construção do conhecimento, socializando esses saberes em um processo contínuo de ensino e aprendizagem (SOUZA, 2012). Ainda, o professor deve agir “fazendo uma ponte entre emoção e razão [...]” incentivando o aluno a se tornar um espectador mais exigente e crítico, propondo relações de conteúdo/linguagem do filme com o conteúdo escolar (NAPOLITANO, 2009, p.15).

Complementando esta ideia, Souza (2012) apresenta propostas de trabalho com o cinema em sala de aula, que articulam o professor como mediador de análises fílmicas juntamente com os alunos, ou seja, como orientador de um processo em que o filme se torna objeto de reflexão e estudos e, nesse caso, o foco está na possibilidade do professor estabelecer um trabalho que alie o conhecimento histórico com a análise das dimensões temporais envolvidas na produção fílmica.

Desta forma, o professor como mediador deve trabalhar o filme, enquanto documento histórico com os alunos. Para isso, deve propor e realizar observações que os estimulem, instiguem e os levem a pensar de uma forma crítica em relação a esse filme. Primeiramente, poderia ser observado como ocorre a representação em si, pensar nos cenários, na vestimenta e na caracterização das personagens, os objetos, entre outras coisas. E para essa análise se pode utilizar de comparações e analogias para que os alunos partam de uma situação mais próxima, do conhecido, para aprender o não conhecido. No caso do filme aqui trabalhado, se pode pensar, inclusive, em questões já mencionadas, como a própria vestimenta do Capitão América, as representações da Segunda Guerra, que são mostradas e a questão propagandística do governo e o incentivo à compra dos “war bonds”, por exemplo, estratégia de guerra utilizada por vários governos, entre muitos outros aspectos. Pode-se também trabalhar a relação do passado com o presente, como as diferenças na própria personagem hoje ou mesmo as diferenças entre a guerra dos anos 1940 e as guerras hoje. Além disto:

outras questões pertinentes são: quem produziu o filme? Quando e onde foi produzindo? O que diz (ou não diz) o filme? Para que / quem produziu?, e com este segmento de



questões, [...] o educador [deve] assumir uma postura que compreende um conjunto de aptidões voltadas aos métodos de construção do conhecimento, socializando esses saberes num processo contínuo de ensino e aprendizagem (AQUINO *apud* SOUZA, 2012. p. 82).

O filme pode também servir como apoio para retratar o modo de vida da época: as vestimentas das pessoas comuns e uniformes de soldados, as práticas de leitura de quadrinhos e todo o universo temático que um super-herói pode representar. É possível também refletir sobre a obra de arte (no caso, tanto os quadrinhos como o filme) e sua relação com a sociedade, as intencionalidades do artista, e seu ponto de vista, a mídia, o mercado de consumo e a História.

O mais importante é a compreensão de que o filme nada mais é do que uma representação, que demonstra uma possibilidade de visão atual sobre determinado tempo e personagens representadas. Levando em conta estas observações, em relação ao uso do cinema em sala de aula, é possível proporcionar aos alunos uma aula dinâmica, a partir de uma metodologia que pode ser aplicada a outros filmes ou tipos de documentos culturais, despertando o senso crítico desses estudantes para com as fontes históricas.

### 3 Conclusão

Em suma, o presente artigo apresenta discussões acerca do filme “Capitão América - O Primeiro Vingador”, de 2011, e como este se relaciona com a cultura histórica e com seu contexto de produção. Assim, é bastante perceptível a ligação do herói com a história contemporânea dos Estados Unidos e, em nível mundial, com várias guerras que ocorreram, sobretudo, a Segunda Guerra Mundial, contexto em que o personagem surge e ganha forma. É este início da saga do personagem que foi priorizado nesta discussão, pois este é o período retratado em seu primeiro filme - seu surgimento, sua caracterização e consolidação, enquanto herói.

Além disso, nota-se como, através de uma história ficcional, é possível transmitir de forma muito eficaz um discurso ideológico e uma mensagem nacionalista e isto fica muito perceptível na figura do personagem Capitão América, que é estadunidense e carrega consigo o nome de todo o continente, além de ter em seu uniforme as cores da bandeira de seu país. O personagem também expõe características políticas de seu país de origem, como o fato de sua principal arma ser um escudo, transmitindo a ideia de que sua premissa é a defesa, não o ataque, ideia que pode ser atrelada à política externa dos Estados Unidos.

As questões aqui apresentadas também buscaram evidenciar a relação entre cinema e história e, mais especificamente, entre cinema e ensino de história, mostrando que este pode ser utilizado, enquanto fonte em sala de aula. É interessante ressaltar que os filmes não podem ser trabalhados, enquanto simples ilustrações, mas sim, a partir de um trabalho juntamente com o professor, buscando levar os estudantes ao desenvolvimento de pensamento crítico.

### Referências

- ABUD, K.M.; SILVA, A.C.M.; ALVES, R.C. *Ensino de História*. São Paulo: Cengage Learning, 2010.
- ALVES, F.G. Entre a cultura histórica e a cultura historiográfica: implicações, problemas e desafios para a historiografia. *AEDOS*, v.2, n.5, p.82-97, 2009.
- BITTENCOURT, C.M.F. *Ensino de História: fundamentos e métodos*. São Paulo: Cortez, 2008.
- BENJAMIN, W. A obra de arte na época de sua reprodutibilidade técnica. In: CAPISRRANO, T. *Benjamin e a obra de arte: técnica, imagem, percepção*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2012. p. 9-40.
- CHAGAS, L.Z. Capitão América: interpretações sócio-antropológicas de um super-herói de histórias em quadrinhos. *SINAIS*, v.1. n.3, p.134-162, 2008.
- DITTMER, J. America is safe while its boys and girls believe in its creeds!: Captain America and American identity prior to World War 2. *Environ. Planning D: Soc. Space*, v.25, p.401-423, 2007.
- DUARTE, R. *Cinema & educação*. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.
- FELIPE, D.A. *Narrativas filmicas na educação escolar: construindo processos de alteridade*. In: ANAIS DO SEMINÁRIO DE PESQUISA DO PPE. Maringá, 2009. *Anais...* Maringá: UEM, 2009.
- FERRO, M. *Cinema e história*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2010.
- MELO, S.F.B. O sentinela da liberdade e sua jornada heroica. *Akrópolis*, v.16, n.2, p.121-130, 2008.
- NAPOLITANO, M. Fontes audiovisuais: a história depois do papel. In: PINSKY, C. *Fontes históricas*. São Paulo: Contexto, 2011. p. 236-289.
- NAPOLITANO, M. *Como usar o cinema na sala de aula..* São Paulo: Contexto, 2009.
- PEDROSO, R.A.A. Representações da guerra do Vietnã nas histórias em quadrinhos do Capitão América. In: ENCONTRO ESTADUAL DE HISTÓRIA - ANPUH-SP. Campinas, 2012. *Anais...* Disponível em: <[http://www.encontro2012.sp.anpuh.org/resources/anaiss/17/1340575256\\_ARQUIVO\\_Representacao-daGuerradoVietnanashistoriasemquadrinhosdoCapitaoAmerica.pdf](http://www.encontro2012.sp.anpuh.org/resources/anaiss/17/1340575256_ARQUIVO_Representacao-daGuerradoVietnanashistoriasemquadrinhosdoCapitaoAmerica.pdf)>. Acesso em: 22 dez. 2016.
- ROSENSTONE, R.A. *A história nos filmes, os filmes na história*. São Paulo: Paz e Terra, 2010.
- RÜSEN, J. *Razão histórica: teoria da história: os fundamentos da ciência histórica*. Brasília: UnB, 2001.
- RÜSEN, J. *Teoria da história: uma teoria da história como ciência*. Curitiba: UFPR, 2015.
- SIMAN, L.M.C. O papel dos mediadores culturais e da ação mediadora do professor no processo de construção do conhecimento histórico pelos alunos. In: ZARTH, P.A. *et al. Ensino de história e educação*. Ijuí: UNIJUÍ, 2004.
- SOUZA, É.C. O uso do cinema do ensino de história: propostas recorrentes, dimensões teóricas e perspectivas da educação histórica. *Rev. Escritas*, v.4, p.70-93, 2012.
- SCHMITT, J.-Cl. Imagens. In: LE GOFF, J.; SCHMITT, J.-C. *Dicionário temático do ocidente medieval*. São Paulo: EDUSC, 2002. p.591-607.
- ZAMBONI, E. Digressões sobre a educação e o ensino de história no século XXI. *História Ensino*, v.11, p.7-23, 2005. doi: <http://dx.doi.org/10.5433/2238-3018.2005v11n0p7>